# O Sentido da Educação Física nos Discursos Oficiais e o Cotidiano em uma Escola Pública Cearense

Ariza Maria Rocha Lima

#### Resumo

Esta pesquisa enfoca a educação física no cotidiano de uma escola pública cearense confrontando-a com as implicações relativos às orientações da última Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional - LDB nº 9.394/96, os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN e o Plano de Desenvolvimento da Escola - PDE. Recorri, entre outros autores, a Husserl (1990), Heidegger (1979) e Gadamer (1993) na reflexão sobre o paradigma epistemológico da

hermenêutica-fenomenológica alemã. Malinoswki (1984) no estudo do tipo etnográfico. Heller (1970) e Lefebvre (1991) na base conceitual do cotidiano e, na educação física, os principais foram: Soares (1994 e 1999), Kunz (1994) e Castellani Filho

(1998). Em relação aos resultados obtidos na pesquisa, constatei que a Educação Física na escola investigada vive seu paradoxo: ao mesmo tempo em que ela é usada para moralizar e manter os alunos ocupados com atividades esportivas e, assim, combater a drogas, as gangues e o perigo do ócio, ela também tem o caráter de ser "desordeira", por romper a rígida rotina e, por isto mesmo, vista pelos pais, funcionários, professores e Núcleo Gestor (Diretor, Co-

ordenador Pedagógico e Coordenador Administrativo - Financeiro) como a causadora de uma desordem escolar.

**Palavras-chave:** Educação física – Cotidiano – Escola pública – Estudo etnográfico – Discurso oficial – Escola cearense – Avaliação.

Compreender, hoje, o sentido da Educação Física tanto no cotidiano escolar como

nos documentos oficiais exige uma incursão pela construção social do corpo na história, pois, sendo o corpo o locus da Educação Física, é a partir dele que se pode instaurar discussão sobre a história cultural de uma sociedade e desvelar consegüentemente os

signos que atualmente ele revela.

Assim, na caminhada por uma compreensão do cotidiano, autores como Lefebvre (1991), Heller (1970), Penin (1995) e Del Priore (1997) foram as referências para a base deste conceito.

Por que estudar o cotidiano da Educação Física dentro na escola pública? Lefebvre, em A vida cotidiana no mundo moderno, retratou o importante papel deste conceito em nossas vidas, na

Ariza Rocha Lima

Mestre em Educação.

Universidade Federal do Ceará.

Professora de Educação Física

da Rede Estadual de Educação

do Ceará; Ex-Bolsista da

Fundação Cesgranrio.

história e na modernidade. Considerado como um aspecto banal, mecânico, repetitivo, é justamente dentro desta "aparente" banalidade que o homem se revela, assim como a história, a sociedade e a cultura, mesmo que o cotidiano represente seu fardo, como mencionou o autor:

A monotonia da vida cotidiana sempre oprimiu a humanidade, pesando sobre ela como um rochedo. (...) A rotina do dia-a-dia é em geral considerada desimportante mas até que ponto esse cotidiano tão desprezado e desprezível não influi nas grandes decisões que modificam a História-ou não constitui, ele mesmo, a História?... (Lefebvre,1991, Prefácio).

Para Heller, o cotidiano na vida do homem possui a importância de acompanhar

... a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se "em funcionamento" todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias. O fato de que todas as suas capacidades se coloquem em funcionamento determina também, naturalmente, que nenhuma delas possa realizar-se, nem de longe, em toda sua intensidade. O homem da cotidianidade é atuante e fruidor, ativo e receptivo, mas não tem nem tempo nem possibilidade de se absorver inteiramente em nenhum desses aspectos; por isso, não pode aguçá-los em toda sua intensidade (Heller, 1970, p.17).

Falar do cotidiano da Educação Física de uma escola pública é integrar, organizar, interpretar e buscar uma compreensão do que antes parecia descontínuo. É apreender, com base em sentido similar ao das palavras de Lefebvre, o seguinte objetivo:

...reconduzir esses fatos aparentemente informes ao conhecimento e regarupá-los não arbitrariamente, mas segundo conceitos e segundo uma teoria. Alguns avanços do conhecimento não se devem, pelo e no pensamento reflexivo, à "recuperação" de fatos bem conhecidos e, no entanto, desprezados, dispersados, ao mesmo tempo familiares e desdenhados, apreciados de acordo com "valores", ou seja, segundo ideologias contestáveis: o trabalho (Marx), o sexo (Freud)? Esses avancos captam o aparentemente insignificante e lhe dão um sentido. E o cotidiano não é a soma das insignificâncias? (Lefebvre, 1991, p.30).

Diante desta exposição, pergunto: o quanto desse aspecto banal e corriqueiro revela o rumo da Educação Física na escola pública? Partindo do entendimento de que só é possível compreender as razões, os sentidos subterrâneos do cotidiano dentro de um sistema histórico, senti a necessidade de reunir elementos que permitissem resgatar um pouco desse itinerário para compreender a escola escolhida desta pesquisa.

Visto por muitos como "coisa sem importância", o cotidiano desvela os significados que o homem atribui ao seu mundo e que neste, apesar dos sentidos que inventa, é também constituído pela cultura e pela história. Partindo desse pensamento, foi possível conhecer o cotidiano da Educação Física¹ em uma escola pública da rede estadual de ensino do Ceará e confrontar com o que se encontra nos discursos oficiais.

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup>Chamo aqui de Educação Física a educação corporal de uma formação humana, que outorga no corpo a memória social e cultural, com seus símbolos, normas, sentidos pelos itinerários da história.

O corpo é uma construção simbólica criada pela significação imaginária social. É um espaço cheio de significados compartilhado pela sociedade. Nele encontramos as marcas da cultura humana, ou, ainda, de um suporte dos signos sociais instituídos para explicar a origem do mundo e da sociedade. Assim, na condição da existência do homem, o corpo é moldado a partir das exigências da sua sociedade, sendo influenciado, também, pela divisão social do trabalho e pelas classes sociais.

Vários são os pensadores que relacionaram o uso do próprio corpo à perfeição moral e espiritual, entre eles, Platão, Plotino, Agostinho e os neoplatônicos. Eles partiram do princípio de que o corpo é sinal de pecado e degradação, miséria e fraqueza, instinto e paixão e essas imperfeições carnais impediam o homem da elevação ao mundo espiritual.

Nas idéias de Rousseau, em Emílio, chegaram à Educação Física a utilização do jogo, o exercício físico e a valorização da higiene, pois, numa época em que era alta a taxa de mortalidade infantil e as condições higiênicas precárias, Rousseau pregava o cuidado do corpo como garantia de sobrevivência do futuro cidadão.

Na escola, a raiz da Educação Física emergiu entre o século XVIII e o XIX, quando o corpo passou a ser o objeto de estudo da Ciência Biológica. A sociedade necessitava de homens produtivos e, para tanto, era preciso cuidar do corpo. O símbolo de um corpo produtivo, fruto de um sistema produtivo, penetrava na história de uma civilização. A transformação da sociedade se daria através de duas práticas sociais: a educação e a higiene.

As idéias surgidas na Europa chegam ao Brasil que, também, se via na necessidade de construir o País. Um novo modelo de sociedade é desenhado por médicos, estadistas, juristas e pessoas ilustres, como Rui Barbosa e Fernando de Azevedo, entre outros. A educação do corpo surgia como um suporte carregado de símbolos de uma saúde física idealizada na regeneração da raça, na recuperação das virtudes e da moral para a intransigente defesa da Pátria.

Os higienistas com sua ambição de adaptar-se aos usos e costumes modernos infiltraram-se nos mais diversos espaços da cidade e na vida de seus habitantes, como, por exemplo, nos hospícios, corporação judicial, alimentação, sexualidade, comportamento e nas práticas corporais-como as práticas esportivas, a gymnástica e as atividades lúdicas nos espaços de descanso e de diversão do trabalhador.

No final do século XIX e início do século XX, o Ceará vivia dias de efervescência política, econômica e cultural envoltos na miséria da seca. Fugindo da seca, o retirante do sertão trouxe para Fortaleza a triste realidade da fome e do abandono, o que chocou a classe privilegiada que traçava os planos de "aformoseamento"<sup>2</sup> da cidade e seus dias de belle epóque.

Em nome dos hábitos higiênicos, a disciplina e a moralidade passaram a fazer parte da vida da cidade e dos que viviam à sua margem. A preocupação dos reformadores sociais era de que a falta de educação desta gente miserável produziria, além de uma "massa de mão-de-obra

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup>Cf. Neves (2000, p.25)

desqualificada e circulante", os focos das infecções das doenças corporal e espiritual. Daí o dever moral e científico de controlar e disciplinar seus habitantes. Para tanto, se fazendo necessário intervir, racionalizar e organizar o espaço urbano para sair do atraso da fome, da seca, do rural, das crendices populares, vícios, preguiça, prostituição e da criminalidade.

O medo de o ócio ser uma semente adormecida do mal permaneceu e, na preocupação das autoridades acerca de uma catástrofe social, se encaminhou, a partir de 1930, o interesse em estudar, disciplinar, controlar, enfim, intervir no tempo livre do trabalhador, pois, na mentalidade de muitos, é do tempo livre que, segundo Sant'Anna (1994, p.20), brotariam "tanto o erro, a irregularidade, como o bem, a salvação social e individual".

Assim, a Educação Física entrou nas escolas e sua função visava à higienização, predominando na passagem do século XIX para o XX no Ceará, fato observado na Escola de Aprendizes Artífices. Madeira (1999) revelou que, com o intento de instruir o povo nas letras, na higiene e nos sentimentos nacionalistas, a Educação Física (ou instrução militar) tinha como vertente o ideário cívico-militar no discurso higienista, pois:

Por ocasião do grande fluxo migratório da zona rural para as principais cidades brasileiras, a população que começava a constituí-las tinha uma formação cultural diferencida dos padrões culturais da classe social em ascensão. Como vimos, Fortaleza, por exemplo, foi uma das capitais brasileiras onde, mais abruptamente, crescera a sua população, em virude das grandes secas que expulsavam um enorme contingente de retirantes, famintos e acometidos por epidemias como a varíola. Todo esse quadro fazia a po-

pulação fortalezense se distanciar largamente dos ideais pretendidas pelos republicanos(...) tornava-se absoluta a incorporação de hábitos higiênicos como os únicos responsáveis para uma vida saudável. O espaço escolar, por sua vez, não ficara imune a esse controle, vários artigos da Revista Pedagógica, expressam a preocupação de intelectuais cearense em ver o ambiente escolar dentro dos padrões higiênicos exigidos (Madeira, 1999, p.165-166).

A passagem pela história na Escola de Aprendizes mostrou muito da Educação Física, contudo, esta disciplina não se restringiu apenas a esta escola. A autora divulgou que:

Não era apenas na Escola de Aprendizes que as aulas de Educação Física eram ministradas por oficiais do Exército. Em toda a rede regular de ensino, não havia professores habilitados para lecioná-las. Esta situação, de certo modo, favorecia à formação do espírito patriótico nos alunos, haja vista que, possivelmente, as aulas obedeciam a uma disciplina inteiramente militar, pois pressupomos que tais oficiais não foram formados para educar o corpo sob outra perspectiva que não a do adestramento e do condicionamento para a disciplina. A primeira impressão que temos é de que a inserção da Educação Física no sistema regular de ensino, nesses moldes, pretendia familiarizar os alunos nos ideais do regime republicano, já que sua instalação passará apenas por uma decisão elitista, de militares, intelectuais e políticos, imbuídos quer de tendências liberais, positivistas ou cientificistas, todas, em última instância, que se opusessem ao antigo regime. Contudo, se víssemos esse dado apenas por tal prisma, estaríamos desconsiderando, também, o fato de que, naquele momento, não havia profissionais habilitados para ministrar a referida disciplina. Por conta dessa carência, a primeira saída que se apresentara era recrutar oficiais do Exército para tal exercício, já que a compreensão de Educação Física, como a afirmamos, tinha uma conotação de instrução militar (Madeira, 1999, p.117).

Assim, o reformismo social e a busca pelo moderno significariam criar um corpo higienizado, cheio de saúde, livre das ignorâncias e produtivo ao trabalho, para limpar, sanear, despoluir tudo o que impedia o crescimento socioeconômico e político no Brasil. Assim, observamos a influência do médico higienista imbricado na prática do professor de Educação Física.

O cotidiano dialoga com várias subjetividades, tanto dentro como fora da escola. O passado se faz presente nas opiniões, nos sentidos dos gestos, nas ações defendidas, no simbólico, sendo o presente um devir³, no sentido assumido por Martin Heidegger.

## O Percurso Metodológico

Para apreender este cotidiano em sua complexidade dinâmica, é necessária a ação compreensiva, motivo por que recorro à fenomenologia – hermenêutica que, estando aberta à compreensão do outro, permite-me a percepção dessa multiplicidade de vozes, indícios e saberes que emergem na escola.

Tomando como suporte teórico a concepção fenomenológica - hermenêutica alemã de Husserl (1990), Heidegger (1979) e Gadamer (1993), recorro, ainda, a autores que se aprofundaram neste estudo, principalmente Palmer (1989), Coreth (1973) e Barreto & Moreira (1997), na tentativa de des-

vendar o fenômeno. A intenção é apreender o significado de compreensão/interpretação da Educação Física de uma escola pública cearense. Portanto, não se trata de apenas uma descrição, mas de um retorno do que ficou esquecido, encoberto pela familiaridade (pelos usos, hábitos e linguagem empregadas usualmente). Daí este enfoque de pesquisa caracterizar-se pela ênfase na vida cotidiana.

Compreender, no sentido fenomenológico-hermenêutico, significa aproximar da verdade. Todo o problema da compreensão é abarcar o sentido, que é inatingível porque jamais o cinge totalmente, mas apenas uma parte dele. Sendo assim, o horizonte do conhecimento, da compreensão e da ciência é inalcançável, utópico, gnosiologicamente impossível. Esta estrutura é circular, pois, no horizonte da compreensão, o singular só pode ser compreendido pelo todo e o todo pelo singular.

Indo do particular para o universal, tem-se uma visão superior a uma anterior, ou seja, há uma compreensão originária que precede qualquer interpretação. Assim, caminha-se pelo círculo hermenêutico. Na verdade, não se trata de um círculo, pois o círculo hermenêutico não é fechado em si mesmo, dando voltas e voltas, e retornando ao mesmo ponto. Heidegger foi o primeiro a perceber que o círculo hermenêutico é espiral e interpretou o mundo, já compreendido da seguinte forma:

...a compreensão se realiza à luz da précompreensão, pois esta abre a coisa em si, ajudando na compreensão dela. Cada

 $<sup>^3</sup>$  Heidegger emprega este termo no sentido de projeto, lançar o homem para fora dele. (Cf. Heidegger, 1979).

conteúdo apreendido entra novamente na totalidade do mundo da compreensão, criando nova pré-compreensão; contudo, esta contém o sentido adquirido anteriormente na compreensão. Portanto, o círculo tem uma forma de espiral, onde se acumula, sem se tornar absoluto o sentido da coisa (Barreto & Moreira, 1997, p.72).

O mundo<sup>4</sup> da compreensão se dá dentro do "homem no mundo" em um mundo humano ou mundo antropológico<sup>5</sup>, que é a criação do proprio mundo do homem, suas interpretações, seus pensamentos, subjetividade, vivências pessoais. É na interpretação deste mundo através das representações simbólicas de idéias e ideologias contidas no dia-a-dia, é nas ações e nos discursos que ocorre o encontro do homem com o seu mundo. Coreth assinalou que

... o mundo no sentido antropológico do conceito não é um objeto de investigação da ciência natural, só podendo ser acessível a uma consideração filosófica, fenomenológico - hermenêutica. Por isso, pode-se falar igualmente de um conceito fenomenológico ou hermenêutico do mundo (Coreth, 1993, p.62).

A fenomenologia está na base dos estudos sociais com características qualitativas. Por essa razão, para realizar o presente estudo, optei por uma metodologia de inspiração fenomenológica-hermenêutica com um encadeamento antropológico (mundo humano) que desse suporte à observação do cotidiano da escola pública e que auxiliasse a tornar visível o invisível, perceptível o imperceptível. Acredito que se aproximar de uma compreensão/interpretação do mundo humano no cotidiano só é possível pelo acompanhamento por um estudo etnográfico<sup>6</sup>, pois

...é possível documentar o não-documentado, isto é desvelar os encontros e desencontros que permeiam o dia-adia da prática escolar, descrever as ações e representações dos seus atores sociais, reconstruir sua linguagem, suas formas de comunicação e os significados que são criados e recriados no cotidiano do seu fazer pedagógico (André, 1995, p.41).

Dentro desta perspectiva, recorro ao estudo do tipo etnográfico<sup>7</sup> para apreender os fenômenos "imponderáveis da

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> No latim, mundo significa "estar limpo", no sentido de ter um esclarecimento da interpretação desse mundo. <sup>5</sup> Coreth (1973, p.62) fez a distinção entre o mundo cosmológico e o mundo antropológico. Segundo ele, "Mundo em sentido cosmológico quer dizer a totalidade das coisas experimentáveis, ou seja, materiais da 'natureza'...Esse conceito de mundo, entretanto, embora relativamente justificado, é uma abstração, enquanto só podemos falar do mundo nesse sentido por encontrarmos, experimentarmos, e compreendermos essa realidade já dada. Contudo, experimentamo-la justamente em sua relação ao homem, em sua importância para o homem: como seu espaço vital, como o reino de sua autorealização. Não deparamos com o mundo como algo de neutro 'em relação' ao homem, mas achamonos a nós mesmos 'no mundo'. Não há para o homem auto-realização sem realização do mundo, auto-experiência sem experiência do mundo, nem autocompreensão sem compreensão do mundo. Faz parte da natureza do homem ser no mundo e ter um mundo. Daí significar o mundo em sentido antropológico 'o mundo do homem' i.e, a realidade como nela nos encontramos, como se nos apresenta, como é experimentada e compreendida por nós, como é importante para a existência humana qual todo de seu espaço vital e horizonte de compreensão..."

<sup>6</sup> Lembro que se trata de um encadeamento do mundo do conhecimento.

<sup>7</sup> Cabe, aqui, o alerta de André (1995). Segundo esta autora, há uma distinção entre a etnografia e o estudo do tipo etnográfico. Sua explicação é que "a etnografia é um esquema de pesquisa desenvolvido pelos antropólogos para estudar a cultura e a sociedade" e o estudo do tipo etnográfico é uma adaptação da etnogafia na educação. Deste modo, segundo ela, "fazemos estudos do tipo etnográfico e não etnografia no seu sentido estrito".

vida real<sup>8</sup>", ou ainda, como André mencionou,

Esse tipo de pesquisa permite, pois, que se chegue bem perto da escola para tentar entender como operam no seu dia-adia os mecanismos de dominação e de resistência, de opressão e de contestação ao mesmo tempo em que são veiculados e reelaborados conhecimentos, atitudes, valores, crenças, modos de ver e de sentir a realidade e o mundo (André, 1995, p.41).

Diante dos ensinamentos desse autor, revelo os procedimentos desta pesquisa:

- a) a investigação ocorreu em uma determinada escola pública da rede estadual de ensino em Fortaleza, Ceará.
- b) os sujeitos foram os alunos do 3° ciclo° (duas turmas com um total de 43 alunos), os da 8° série (duas turmas com um total de 53 alunos) e o núcleo gestor (o grupo é formado pela diretora-geral, coordenadora pedagógica e a coordenadora administrativo-financeira). Aqui, cabe uma inicial explicação.

A pesquisa destinava-se aos sujeitos acima mencionados, contudo, no decorrer dela, tornou-se impossível excluir os funcionários e professores da referida escola. A dificuldade em conciliar o tempo da pesquisa com sua amplitude forçou-me a alguns cortes e decisões. Assim, as opiniões dos professores e funcionários foram anotadas durante as observações realizadas no cotidiano escolar, apesar deles não terem sido entrevistados;

c) os instrumentos foram escolhidos tendo como base metodológica a fenomenologia. No primeiro momento, foi utilizada a observação participante<sup>10</sup>. Este instrumento possibilita a interação do pesquisador com o objeto de busca, fazendo do primeiro também um instrumento. Deste modo, o pesquisador, através de um "olhar de estranhamento" 11, registra as observações no Diário de Campo. Em seguida, utilizo as entrevistas abertas com os alunos (cinco meninos e cinco meninas) e o núcleo gestor (apesar de

9 O que difere o III Ciclo da 5º série, seriação, é que os alunos do III ciclo devem ter 11 anos e ser egressos "obrigatoriamente " do II Ciclo, explicação que obtive na escola.

<sup>8</sup> Malinoswki empregou este termo no sentido de que existem fenômenos importantes no cotidiano que o uso do questionário e da Estatística não conseguem apreender (1984, p.29).

<sup>10</sup> Para Schutz, é possivel, metodologicamte, construir pela observação modelos do mundo da vida que satisfaçam as exigências da ciência e do mundo da vida. Para tanto, é preciso que os modelos sejam "consistentes e compatíveis com a ciência e o mundo da vida", seguindo os postulados do método científico, tais como, "interpretação subjetiva, adequação, relação, racionalidade, consistência lógica, compatibilidade". Schutz comentou que: "o argumento de que a observação direta é a melhor forma de captar os significados; é importante que se observem os gestos e acões dos outros, pois revelam suas experiências vividas e facilitam a apreensão dos significados. Esta observação constitui parte da experiência de cada ator social que, para Schutz, representa o elemento crucial para a definição da realidade: é o significado de nossas experiências e não a estrutura ontológica dos objetos, que constitui a realidade" (Barreto & Moreira, 1997, p.129).

<sup>11</sup> Fez-se necessária a construção do "olhar de estranhamento" em relação a determinados hábitos e comportamentos, fazendo olhar com uma curiosidade redobrada para características que, até então, eram vistas como naturais nas aulas de Educação Física na escola pública. Dauster explicou que ... "Esta atitude de estranhamento visa, por meio da análise de relações sociais concretas, o questionamento de categorias abstratas e o conhecimento mais complexo da realidade. Passa-se, então a desnaturalização dos fenômenos, mostrando como práticas, concepções, valores são socialmente construídos e, portanto, simbólicos" (Dauster, 1997, p.4).

a secretária fazer parte deste grupo, só entrevistei a diretora geral, a coordenadora pedagógica e a coordenadora administrativo-financeira). Todas as entrevistas foram gravadas, com o consentimento devido, tendo a duração de 30 a 50 minutos: e

 d) os documentos analisados foram: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira nº 9.394/96, Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's, e o Plano de Desenvolvimento da Escola – PDE.

À medida em que me aprofundava neste cotidiano, surgiu a necessidade de empregar outros instrumentos para complementar as informações como, por exemplo, o questionário socioeconômico, o qual me possibilitou conhecer o perfil dos alunos. Foram aplicados 96 questionários, com 34 perguntas fechadas e uma aberta, assim como alguns registros auxiliares, absolutamente importantes no âmbito geral deste estudo. Utilizei, ainda, matérias do jornal O POVO, de Fortaleza, veiculadas durante o ano 2000, com exceção do mês de abril.

## E Hoje, Qual o Sentido da Educação Física nas Escolas Públicas?

Em linhas gerais, podemos acompanhar o retrato da educação do País e o sentido de escola e de Educação Física nos documentos oficiais, mencionados anteriomente. Para tanto, fez-se necessário não apenas conhecê-los, como também acompanhar a importância dada pelos meios de comunicação social, no caso, o jornal. Em virtude de ser um veículo de informação, formação de opinião

e de geração de debate, o períodico tem o seu papel de formação social.

Durante o ano 2000, acompanhando o fluxo das matérias sobre a Educação e a Educação Física no jornal O POVO, obtive uma direcão em que o debate educacional desponta na esfera social e, assim, pude examinar a sequinte tendência no debate da educação brasileira: 11,42% sobre as reivindicações de professores e alunos por melhores salários e Escolas; 10.20% sobre os investimentos e financiamentos na educação; 8,16% das noticias veiculadas tratava do Fundef: 4.48% sobre as carteiras estudantis: 3.26% sobre a merenda escolar: 2,44% sobre o Selo Unicef; 2,44% sobre formação docente; 2,44% sobre o transporte escolar.

Coletando as matérias do ano 2000 e analisando-as, notei que apenas 6,51% delas dirigiram-se à Educação Física, 4,89% sobre esporte; 1,22% sobre o lazer e, 0,40% sobre a Educação Física escolar; notícias que caracterizariam a importância da Educação Física na escola, associada ao caráter higiênico e esportivo.

Assim, a defesa da Educação Física estava no combate, pelo esporte, combate às drogas, como também no controle da violência social na escola e na sociedade. Para ilustrar, segue um exemplo na fala do Ministro Paulo Renato, ao explicar que esta disciplina é obrigatória no Ensino Fundamental,

O Ministro da Educação, Paulo Renato Souza, disse que a disciplina de Educação Física é obrigatória no ensino fundamental. Preocupado com o crescente questionamento da obrigatoriedade da prática esportiva por alunos e professores, ele anunciou que enviará carta aos diretores

de todas as escolas públicas e particulares do País esclarecendo o assunto.

"A idéia é reafirmar a exigência da Educação Física", disse Paulo Renato, ao lançar na última Sexta-feira(10) a Olimpíada Colegial Esperança 2000, ao lado do Ministro do Esporte e Turismo, Carlos Melles. O evento vai reunir cerca de três mil estudantes de todos os estados, em Brasília, entre os dias 25 de novembro e 3 de dezembro.

Para Paulo Renato, é errada a interpretação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) segundo a qual a prática de Educação Física não seria mais obrigatória. Ao contrário, a LDB estendeu a exigência de prática desportiva às oito séries do ensino fundamental, de acordo com a assessoria de Imprensa do Ministro da Educação (MEC). Antes a oferta da disciplina só era cobrada da 5º à 8º série.

A importância do esporte no combate às drogas foi destacada por Paulo Renato. "É um grande remédio", disse o ministro, lembrando ter sido "um esportista" na juventude. Ele lembrou que os Parâmetros Curriculares Nacionais - conjunto de orientações educacionais preparado pelo MEC - já enfatizam a importância da educação fisica (O POVO -12 nov. 2000).

A Educação Física, como sistematização dos exercícios físicos na escola, é vista como lazer pelo Governo, como um remédio para combater os males sociais. A manchete "Violência: Governo aposta em lazer contra o crime"- expressou esta concepção, como seque:

O Governo Federal está modificando a forma de atuação no combate à violencia no País para evitar o recrutamento de crianças e jovens pelo crime organizado. Um projeto piloto começará a ser executado em janeiro na região metropolitana de São Paulo, levando programas de assistência social, ambiental e infra-estrutura a 39 cidades, para atingir as áreas mais carentes. "Vamos agir onde nasce o crime", afirmou em Brasília o ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional, general Alberto Cardoso.

Até agora, o Plano Nacional de Segurança Pública tinha como alvo as cidades ou bairros com índices de criminalidde elevados. No entanto, o governo preferiu investir na prevenção, atingindo principalmente os jovens e as famílias."Muitas vezes são regiões onde o Estado está ausente, mas, a partir de agora, haverá um maior número de atividades", diz o secretário de Estudos Institucionais do Gabinete de Seguranca, José Alberto de Cunha Couto. Segundo o general Cardoso, o programa piloto deverá depois ser instituído em todo o País (O POVO - 16 nov. 2000).

A Educação Física<sup>12</sup>, no artigo 26 §3°, é tratada como componente curricular, ligada à proposta pedagógica da Escola. Após seis anos vigorando a LDB n°9394/96, pergunto: quais as mudanças reais na escola e na Educação Física?

Para Saviani (1998), a Lei é mais "indicativa do que prescritiva", e as mudanças por ela provocadas dependem" dos encaminhamentos de política educacional e das decisões dos órgãos normativos dos sistemas de ensino ou das próprias Escolas". Como pontos positivos e negativos da Lei em questão, Saviani destacou,

...o estabelecimento de prazos curtos para o repasse dos recursos financeiros às Escolas, se efetivamente cumpridos, não deixarão de exercer influxo benéfico nas atividades Escolares. Mas esse influxo, sem dúvida da maior relevância, terá o sentido de melhorar a eficiência

<sup>12 &</sup>quot;A Educação Física, integrada à proposta pedagógica da Escola, é componente curricular da educação básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população Escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos".

do funcionamento das Escolas, não implicando mudança de estrutura em termos de sua organização e modo de funcionamento. Igualmente os pontos negativos, que se caracterizam mais pelas omissões do que por medidas diretamente prejudiciais, terão o sentido de criar dificuldades ao funcionamento, não alterando, também eles, a estrutura das escolas (Saviani, 1998, p. 226).

Uma mudança vista, ou pelo menos deveria ser, é que, sendo a Lei nº 9.394/96 a substituição legal dos dispositivos anteriores, no caso, as Leis nº 4.024/61, nº 5.692/71 e o Decreto – Lei nº 69.450/71, as unidades escolares não têm amparo legal para dispensar alunos que freqüentam academia, que fazem esportes de rendimento, mulher que tenha prole, quem presta serviço militar etc. Somente para os alunos do ensino noturno e do ensino superior é que as aulas são facultativas, cabendo, assim mesmo, à escola a obrigação de oferecer para eles aulas de Educação Física. Isto de fato não ocorre.

Em relação à freqüência dos alunos nas aulas de Educação Física no ano de 2000, noto que a turma que apresentou um maior índice de atestados médicos e declaração de trabalho foi a 8ª série. A freqüência dos alunos de 7ª e 8ª séries às aulas foi relativamente baixa. Os alunos maiores apresentaram maior resistência do que os alunos menores.

A questão dos atestados médicos é um outro ponto nevrálgico. Os alunos muitas vezes fogem das aulas de Educação Física por não gostarem ou por acharem as aulas chatas. O médico dispensa o aluno da disciplina por achar que tanto o local como o horário são inapropriados.

Os motivos para a evasão das aulas de Educação Física são os alunos que trabalham ou, os que ficam dispensados porque fazem algum curso ou participam de alguma atividade esportiva em academias e nos clubes, ou ainda os que apresentam os atestados médicos. Deste modo, mesmo após a nova LDB e os PCN's, ainda é visível a presença dos atestados médicos e das declarações de trabalho na escola

Em 1998, o Ministério de Educação e Cultura -MEC propôs a implantação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) com o objetivo de assegurar a formação básica comum nacional, os currículos e seus conhecimentos mínimos. De acordo com as referências, o Ministro Paulo Renato espera criar condições na escola e impor uma revisão curricular para atender as necessidades sociais. No entanto, Rezende alertou para o fato de que, mesmo empregando o termo " Parâmetros" no sentido de balizamento de um currículo nacional, os PCN's chegam à escola como autoridade a ser seguida. Sobre este assunto o autor explicou que:

O Obietivo da educação fisica na educacão básica não é remover a aptidão física, nem detectar talentos para o esporte de rendimento, assim como não deve ser também um recreio orientado. Ela deve possibilitar aos alunos a vivência sistematizada de conhecimentos/habilidades da cultura do movimento humano, balizada para uma postura reflexiva, no sentido da aquisição da autonomia necessária a uma prática intencional, que considere o lúdico e os processos sócio-comunicativos, na perspectiva do lazer, da formação cultural e da adoção de um estilo de vida ativo comprometido com parâmetros de qualidade coletiva de vida.

(...) Sendo a Educação Física considerada um componente curricular integrado ao proieto pedagógico da escola, cada

escola deverá definir suas propostas curriculares sobre o que deve ser ensinado/vivenciado nos ensinos fundamental e médio. Enquanto a Lei e as Diretrizes Curriculares são documentos legais de Estado, as Propostas Curriculares são elaborações das responsabilidades dos Governos. Por exemplo: Os Parâmetros Curriculares Nacionais veiculam propostas da equipe do atual Governo. Um novo governo poderá dar continuidade ou não aos referidos Parâmetros. Ninguém é obrigado a seguir os Parâmetros. Por isto, cabe aos especialistas dos Estados e Municípios definirem seus respectivos parâmetros curriculares para cada disciplina (podem até aderir aos Parâmetros oferecidos pelo Governo Federal) (Rezende, et al., 1997, p.26-35).

Pelo Plano de Desenvolvimento da Escola- PDE, encontro registradas as dificuldades pelas quais a Educação Física e a escola passam, assim como as soluções apontadas para seu equacionamento. Os principais problemas que afetam os alunos estão: a) na questão financeira dos pais, que reflete nas atitudes de desamparo, fome, falta de assistência e do material necessário aos estudos; b) nos fatores psicológicos e emocionais, como a destruição da auto-estima, a apatia, a inferioridade, a falta de fé e de confiança em si e nos outros, gerando a agressividade, a fuga diante das situações; c) no analfabetismo; d) na qualificação das professoras; e) nos ranços de uma avaliação tradicional; f) no desacompanhamento dos pais nas tarefas educativas de seus filhos; a) na falta de espaços para atividades de lazer.

Qual é a realidade da Educação Física no cotidiano da escola pública? O que mudou com a última Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira - LDB n°

9.394/96, com os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's e o Plano de Desenvolvimento da Escola – PDE ?

Apreciando as respostas dos alunos obtidas pelo questionário, tivemos os seguintes resultados: os dados revelaram que 76,56% dos alunos não gostavam dos locais e 28,12% mencionaram que desgostavam dos materiais esportivos adotados nas aulas. 67,18% gostavam de participar das aulas e 21,87% sugeriram para as aulas de Educação Física mais jogos, enquanto 15,63% indicaram mais brincadeiras.

Por que lançar um projeto de lei em que a Educação Física tenha o mesmo status das outras disciplinas? Nas palavras do senador Ricardo Santos, encontro a manifestação da Educação Física nas escolas públicas e, para que o leitor possa acompanhar "na prática" as aulas desta disciplina: são realizadas em forma de mutirão para a limpeza da quadra, já que a escola nem sempre dispõe de recursos financeiros. Desta forma, o mutirão é uma alternativa, em que a escola pede auxílio à comunidade para resolver o problema das escassas verbas na educação.

O grande desafio para o professor da escola pública é conciliar-se com a realidade da escola na qual trabalha. Sendo assim, nem sempre a tão solicitada criatividade do docente consegue se adequar às condições materiais e físicas da escola pública. Muitas vezes, o professor se vê numa situação difícil diante da escassez de seu material de trabalho, chegando ao ponto de ele próprio comprá-lo ou fazer cotas com os alunos ou mesmo estes levarem suas bolas para serem utilizadas nas aulas.

O estudo do cotidiano neste local revelou, ainda, a visão que muitos têm sobre o professor de Educação Física. No imaginário daquelas crianças, como também dos funcionários e dos pais, imperava a idéia de que esta disciplina era só brincar de bola. Assim, no primeiro dia, os alunos já pediam para jogar. Aliás, a descrença do valor lúdico afetava o valor da disciplina. No Diário de Campo, algumas destas opiniões foram registradas, tais como:

- Evilásio (15 anos, aluno da 8ª série)
  Eu queria ser professor de Educação Física...só faz brincar!
- D. Ânísia (Coordenadora Pedagógica, 47 anos) - Primeira vez que vejo uma professora de Educação Física trabalhar...
- Dona Socorro (Porteira, 53 anos ) só tem você...as professoras não vieram?
- Suzana (Professora, 43 anos) Ah! Como é bom ser professora de Educação Física... nem tem prova para corriair!

As brincadeiras e os jogos, aos olhos de muitos, são atividades que diante dos estudos não mereciam importância e dissociavam o brincar, o aprender, o educar, o prazer das atividades sérias da escola. Talvez a influência desta concepção esteja na separação do corpo/mente. Constatei que o descrédito do valor da brincadeira leva à descrença da Educação Física diante das demais disciplinas.

Na escola, a função desta disciplina é de brincar, mas no sentido de preencher o tempo dos alunos em atividades sadias, ou seja, manter os alunos empenhados em atividades físicas, recreativas, esportivas é uma forma de conservá-los afastados da gangue, das drogas, das confusões. Aqui há um paradoxo: a Educação Física é bem-vista por canalizar as energias dos alunos, para evitar o ócio, no entanto, para muitos pais, este brincar é para desocupados, pessoas que não têm nada melhor para fazer e ficam ociosas.

Através das entrevistas, realizadas no dia 04 abr. 2000, obtive na fala dos alunos a compreensão que eles tinham da disciplina em estudo. Partindo, inicialmente, da pergunta de como eles viam as aulas de Educação Física, foi feito o seguinte registro:

-Luiza (aluna da 8º Série, 14 anos) - É uma oportunidade para os alunos que não podem praticar esporte. Então, nas escolas públicas antes não tinha isso. Certo! E, também, é um meio que você pode exercitar seu corpo que, tanto a Educação Física é um meio que a pessoa pode engrandecer como é um tipo de exercício saudável para todos os jovens e também evita muitas doenças. É... que previne para o futuro.

-Paula (aluna da 8ª Série, 14 anos) -Na escola, nós não temos muitas condições. Nós não temos ...bola para jogar futebol, handebol, basket, vôlei. Nós não temos rede. Nós não temos ...a nossa quadra está danificada... além de que a nossa quadra está danificada(...)

-Milena (aluna da 8ª Série, 14 anos) -Estão faltando cobertas para quadras.. quando chove fica alagada, é cheia de cimento.O que mais?

-Evilásio (aluno da 8º Série, 15 anos) - a bola furada.

-Milena (aluna da 8º Série, 14 anos) - a quadra não tem nem rede.

-Lili (aluna da 8º Série, 14 anos) (...) ela é uma matéria que requer nota, se não fizer fica reprovado durante o ano. Também, uma pessoa que não pode fazer é claro que, deve colocar um atestado que não pode, mas a pessoa que pode deve fazer...o correto é fazer. E, também, através da Educação Física, muita pessoas não dão valor porque acham que, é uma matéria besta só porque não é dado na sala de aula, mas também ela requer o esforço físico e mental.

Na fala dos alunos do 3º Ciclo, notei a presença da concepção higienista, como se observa abaixo.

- Aurélio (11anos) Para mim, a Educação Física na escola é tratar do seu corpo, que é muito importante, para que você possa ter um bom desenvolvimento corporal para que você não sinta nenhuma dor. Ser uma pessoa saudável é cuidar do seu corpo. Eu acho, também, que é muito importante para nós, e para todas as pessoas.
- Rafael (11anos) Eu acho, tia, que a Educação Física na...no colégio do Estado é a mesma que a da escola particular. Só que na escola particular paga e a do Estado não paga, e outra coisa, e que é muito importante que a Educação Física é para desenvolver o corpo físico da pessoa, como algumas crianças não ficar raquítico, com a coluna torta, e ficar saudável, não ficar com doença.
- Daniel (11 anos) A Educação Física é muito bom, aqui no colégio, estou gostando muito...acho que o handebol é muita coisa importante, é...,como é que se fala, faz bem para o corpo(...)
- Osório (11anos) A Educação Física é para a gente cuidar da saúde e crescer com saúde.
- Auricélia (11anos) Os exercícios fazem bem para a saúde e a gente não fica doente.

A escola pesquisada vive o tempo presente agitado por um meio comercial bastante efervescente, atendendo crianças e adolescentes do bairro, originários de famílias de baixa-renda, que têm seus horizontes profissionais delineados ou circunscritos às condições objetivas e expectativas subjetivas de seus pais ou familiares, vivendo conflitos e dificuldades criadas pela freqüência/vínculo a uma escola pública que não está equipada devidamente para

oferecer um ensino de qualidade. Através do questionário, obtivemos o perfil socioeconômico dos alunos da referida escola:

- a) A predominância do sexo feminino é de 65,7% ;
- b) 70, 31% dos alunos não trabalham e seus gastos são financiados pela família;
- c) 14, 06% dos alunos trabalham e são responsáveis pelo seu sustento, ganhando menos de um salário mínimo;
- d) 42,18% dos pais trabalham e apenas 31, 2% dos pais trabalham fixos, mantendo uma renda familiar de um salário mínimo;
- e) 59, 38% dos alunos moram com o pai e a mãe; 26,57 % somente com a mãe; 3,12% somente com o pai e 10,93% com outros parentes e 1,56% moravam com outras pessoas;
- f) 10,93% dos alunos não têm irmãos; 21,88% apenas um irmão; 26,56% dos alunos têm dois irmãos e 14,07% possuem três irmãos; 24, 99% tinham mais do que três irmãos;
- g) a respeito da instrução do pai dos alunos, 7, 82% nunca estudaram; 12,5% estudaram até 4°série do (antigo) 1°grau e 31,25% situaram-se entre a 5° e 8° séries do (antigo) 1° grau e 48,43% dos alunos não souberam informar a instrução do pai.
- h) 9,38% das mães nunca estudaram; 20,31% estudaram até a 4°série do (antigo) 1°grau, 34,38% situaramse entre a 5° e 8° séries do (antigo)1° grau; 3,12% possuíam o 2° completo, 12,5% das mães tinham o 2° incompleto e 20,3% não souberam informar.

- i) 42,18% dos alunos consideram o bairro bom; 35,93% consideram ótimo, 41,18% regular, enquanto apenas 4,68% consideram o bairro ruim;
- j) 39,07% dos alunos consideram a escola ótima; 46,88% responderam que a escola era boa; 10,93% são de opinião que a escola era ruim, enquanto apenas 3,12% acharamna péssima;
- k) 42,18% dos alunos mencionaram que não gostavam da indisciplina dos alunos da escola;
- 28,12% responderam que n\u00e3o gostavam da merenda;
- m) 23,43% disseram que desgostavam dos espaços da escola;
- n) 23,43% responderam que não gostavam do atendimento e do modo de tratamento dos funcionários;
- o) 18,75% dos alunos não gostavam das salas de aulas; 7,18% dos professores e 7,18% desgostavam das aulas;
- p) 47,19% se preocupavam bastante com a sua saúde, enquanto 1,56%dos alunos não se preocupava de modo algum com a saúde;
- q) 46,87% dos alunos responderam que possuíam bastante oportunidades de lazer; 29,68% dos alunos disseram que suas oportunidades de lazer eram mais ou menos, enquanto 18,75% disseram que eram poucas as oportunidades de lazer;
- r) 67,18% dos alunos acham importante praticar atividades físicas;
  21,25% acharam mais ou menos, enquanto apenas 1,56% não achou importante a prática das atividades físicas;
- s) 76,56 % dos alunos opinaram que não gostam dos locais da Educação

- Física, enquanto 28,12% responderam que não gostam dos materias esportivos; 6,25% não gostavam das aulas e 1,57% não gostava da professora:
- t) 21,87% dos alunos sugeriram mais jogos para as aulas de Educação Física, enquanto 15,63% sugeriram mais brincadeiras; 9,37% sugeriram cobrir a quadra; 1,57% sugeriu que tivessem bebedouro na quadra.

No dia-a- dia escolar, observei que a Educação Física não podia incomodar a escola, quebrar seu ritmo, sua disciplina e seu silêncio. Deste modo, nas situações habituais, a prioridade era a organização, seja através dos conteúdos programáticos, do espaço físico, da arrumação da sala, da decoração, do planejamento, dos horários, ou dos eventos festivos.

Contrapondo-se a essa organização, a Educação Física entrava com a desordem, que incomodava, e muito, o cotidiano escolar. No entanto, no meio da agitação dos alunos, da gritaria da torcida, da alegria das brincadeiras diante da escassez de material, da euforia das discussões dos meninos e das meninas para descobrir os namoros, a briga no bebedouro, a vibração do corre-corre nos pequenos espaços da escola, dos corpos suados e cansados dos alunos (debaixo, muitas vezes, de um belo sol), vimos a satisfação em seus rostos sob o olhar desconfiado dos funcionários e dos gestores. A reclamação vinha de todos os lados. As professoras, assustadas, reclamavam do barulho que incomodava a seriedade dos estudos na escola. Enfim, a indisciplina do corpo brincando, gritando, brigando, correndo, jogando, incomodava a ordem escolar.

Poucos espaços, bem como espaços com recursos precários para a Educação Física na escola pública revelaram que, por mais que haja uma mudança de paradigma desta disciplina, a escola continua enxergando-a como uma atividade que, além de ameaçadora, não é prioridade.

No apressado cotidiano e, ao mesmo tempo lento, os conflitos vão e voltam, muitas vezes, sem serem resolvidos, semelhantes a uma dor que de tão velha não incomodasse mais. E as coisas acontecendo, ao mesmo tempo em que são sufocadas, ou melhor, guardadas para depois. E a escola se arrastando e adaptando-se de acordo com as "hierarquias espontâneas" que regem a "condução da vida cotidiana", segundo Heller.

No cotidiano escolar as preocupações são muitas e até podemos chamá-las de comoventes, como, por exemplo, os acidentes de alunos a caminho da escola<sup>13</sup>, a violência nas escolas<sup>14</sup>, a greve de fome dos professores 15, o professor ganhando por produção<sup>16</sup>. No entanto, a escola é conduzida pelas hierarquias espontâneas e pelas discrepâncias em suas situações diárias. Assim, é acompanhando a aparente banalidade do cotidiano que as práticas sociais - educacionais e seus valores são revelados.

Em relação aos resultados obtidos, a Educação Física vive seu paradoxo no cotidiano escolar. Ela é necessária para moralizar, controlar, disciplinar os alunos, mas simultanemente, tem nas mãos a oportunidade de quebrar os regulamentos que controlam o corpo do aluno, no momento em que estes estão brincando, gritando, dançando, jogando, enfim, quebrando a rígida rotina escolar, e ser vista pelos funcionários, pais, professores e Núcleo Gestor como "desordeira".

No entanto, num sistema educacional que defende a necessidade do desenvolvimento global do aluno, observa-se que a Educação Física é vista, ainda, como uma disciplina que apenas cuida do corpo nos momentos de descontração e liberação de energia.

Apesar das inúmeras dificuldades, analisar a escola como espaço de sociabilidade, considerando-a pelo dinamismo do cotidiano dos sujeitos concretos, sociais e históricos, significa uma possibilidade de renovação no modo de olhar a própria Educação Física.

Recebido em: 05/08/2002

Aceito para publicação em: 04/02/2003

<sup>13</sup> Cf.O POVO, 12 maio 2000; O POVO, 16 maio 2000. 14 Cf.O POVO, 01 nov. 2000 e o O POVO, 23 nov. 2000. 15 Cf.O POVO, 11 maio 2000 e o O POVO, 8 jun. 2000, entre outros. 16 Cf.O POVO, 22 maio 2000; O POVO, 25 jun. 2000; O POVO, 16 out. 2000.

Ariza Maria Rocha Lima

### **ABSTRACT**

This research is focussed on the quotidian of physical education in a public -school in Ceara, confronting it with the implications relative to instructins from the latest Law for Guidelines and the Basic for the National Education-LDB nr. 9.394/96, the Parameters for National Curricula - PCN and the Plan of School Development - PDE. I relied, among other writers, Husserl (1990), Heidegger (1979) and Gadamer (1993) to reflect on the epistomological paradigm of german hermeneutic phenomenology. Malinoswki, (1984) to study of ethonographic research. Heller (1970) and Lefevre (1991) on the conceptual basis of daily routine, and on physical education the most important are: Soares (1994 and 1999), Kunz (1994) and Castellani Filho (1998). In relation to the results obtained in this research, is however, that physical education in the investigated school has its paradox: at the same time as it is used for good morals and for keeping students busy with sport- activities, that way fighting drugs, gangs, and the dangers of idleness, it has also the characteristics of being "disorderly" for breaking the rigid quotidian, and therefore seen by parents, employees, teachers and central managers (director, pedagogical and administrative - financial coordenators) as cause of a school - disorder.

**Keywords:** Physical education – Quotidian – Ethonographic research – Public-school – Ceara school – Evalution.

#### **RESUMEN**

Esta investigación se centra en la educación física en lo cotidiano de una escuela pública en Čeará confrontándola con las implicaciones relativas a las orientaciones de la última Ley de Directrices y Base de la Educación Nacional - LDB nº 9.394/96, los Parámetros Curriculares Nacionales - PCN y el Plan de Desarrollo de la Escuela - PDE. Recurrí, entre otros autores, Husserl (1990), Heideager (1979) y Gadamer (1993) en una reflexión sobre el paradiama epistemológico de la hermenéutica-fenomenológica alemana. Malinoswki (1984) en el estudio del tipo etnográfico. Heller (1970) y Lefebvre (1991) en la base conceptual de lo cotidiano y en la educación física, los principales fueron: Soares (1994 e 1999), Kunz (1994) y Castellani Filho (1998).En lo referente a los resultados obtenidos en la investigación, constaté sin embargo, que la Educación Física en la escuela investigada tiene su propia paradoja: al mismo tiempo que se utiliza para moralizar y mantener a los alumnos ocupados con actividades deportivas y de esta forma, combatir la drogas, los grupos organizados y el peligro de la ociosidad, tiene también la característica de ser «desordenada», rompiendo la rígida rutina y por lo tanto visto por los padres, empleados de la escuela, profesores y los coordinadores financieros centrales de la Gestión Escolar (director, pedagógico y administrativo) como causa de un desorden de la escuela.

**Palabras Clave:** Educación física – Cotidiano – Estudio etnográfico– Escuela pública – Escuela en Ceara – Evaluación.

## Referências Bibliográficas

ANDRÉ, M. E. D. A. Etnografia da prática escolar. Campinas, SP: Papirus, 1995. (Prática Pedagógica).

BARRETO, J. A. E.; MOREIRA, R. V. O. (Org.). O elefante e os cegos. Fortaleza: Casa de José de Alencar/Programa Editorial, 1999. (Coleção Alagadiço Novo).

.; \_\_\_\_. Imaginando erros. Fortaleza: Casa de José de Alencar/Programa Editorial, 1997. (Coleção Alagadiço Novo).

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabalece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Poder Executivo, Brasília, DF, v.134, n.248, p.27833-27841, 23 dez. 1996. Seção I. Lei Darcy Ribeiro.

\_\_\_\_\_. Ministério de Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física. Brasília, DF, 1998.

CEARÁ. Secretaria da Educação Básica. Plano de Desenvolvimento Escolar - PDE: escola do ensino fundamental de Fortaleza. Fortaleza, 1998.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_. Plano de Desenvolvimento da Escola - PDE: roteiro para elaboração do plano de desenvolvimento da escola. Fortaleza, 1998.

\_\_\_\_; \_\_\_. Receituário da escola. Fortaleza, 1995.

CORETH, E. Questões fundamentais de hermenêutica. Tradução de Carlos Lopes de Matos. São Paulo: E.P.U.: Ed. Universidade de São Paulo, 1973. DAUSTER, T. Um outro olhar: entre a Antropologia e a Educação. *Caderno CEDES*, Campinas, SP, v.18, n.43, dez. 1997.

DEL PRIORE, M. (Org.).; BASSANEZI, C. (Coord.). História das mulheres no Brasil. 2.ed. São Paulo: Contexto: Ed. da UNESP, 1997.

GADAMER, H. G. Verdad y metod. Salamanca: Sígueme, 1993. v.1.

HEIDEGGER, M. Conferências e escritos filosóficos. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os pensadores).

HELLER, A. O Cotidiano e a História. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leonardo Konder. 4.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1970. (Série Interpretações da história do homem; v.2).

LEFEBVRE, H. A vida cotidiana no mundo moderno. Tradução de Alcides João de Barros. São Paulo: Ática, 1991. (Temas; v.24. Sociologia e Política).

MADEIRA, M. G. L. Recompondo memórias da Educação: a Escola de aprendizes artífices do Ceará (1910 –1918). Fortaleza: CEFET, 1999.

MALINOWSKI, B. K. Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. Tradução de Anton P. Carr, Lígia Aparecida Cardieri Mendonça. 3.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Os Pensadores).

NEVES, F. C. A multidão e a história: saques e outras ações de massas no Ceará. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000.

PALMER, R. E. Hermenêutica. Tradução de Maria Luisa Ribeiro Ferreira. Lisboa, Ed.70, 1989. (O saber da Filosofia; v.15).

PENIN, S. T. S. Cotidiano e escola: a obra em construção: o poder das práticas cotidianas na transformação da escola. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1995. (Biblioteca da Educação. Série 1, Escola; v.2).

História do cotidiano e da vida privada In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (Org.). Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. 5.ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

O POVO, Fortaleza, 10 jan. a 31 mar. 2000.

\_\_\_\_\_., Fortaleza, 01 maio a 13 dez.

REZENDE, H. G. et al. Elementos constitutivos de uma proposta curricular para o ensino-aprendizagem da Educação Física na escola: um estudo de

caso. Revista Perspectivas em Educação Física Escolar, Niterói, v.1, n.1, p.26-35, 1997.

ROUSSEAU, J. J. Emílio, ou, Da Educação. Tradução de Sérgio Milliet. 3.ed. São Paulo: Difel, 1979.

SANT'ANNA, D. B. O prazer justificado: história e lazer: (São Paulo, 1969/1979). São Paulo: Marco Zero; [Brasília, DF]: MCT/CNPq, 1994. Originalmente apresentado como dissertação (Mestrado)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

\_\_\_\_\_. O receio dos "trabalhos perdidos": corpo e cidade. *Projeto História*, São Paulo, v.13, p.121-128, jun. 1996.

SAVIANI, D. A Nova Lei da Educação: trajetória, limites e perspectivas. 4.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1998. (Educação Contemporânea).

#### Correspondência:

e-mail: arizarocha@zipmail.com.br